Uma esperança em mim

Alguns trechos da Assembleia final da comunidade de CL no Nordeste durante as férias regionais realizadas de 1 a 4 de novembro de 2018. A assembleia foi conduzida por Otoney Alcântara, responsável de CL em Salvador, e Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional do Movimento.O tema de trabalho foi o texto "Vivo é algo presente!" (Jornada de Início de Ano, 29 de setembro de 2018).

Otoney: Começo destacando um parágrafo do texto: "É a fé que nós procuramos, é a fé que queremos penetrar. É a fé que queremos viver ao nosso redor. Parece que tudo colabora, que tudo seja conivente com a força operante que tenta eliminar essa fé ou desestabilizá-la ou esvaziá-la, ou reduzi-la a categorias puramente racionais e categorias naturalistas, fora e dentro do mundo cristão – mais dentro do que fora, agora. É a fé autêntica ou a autenticidade da fé o que nós procuramos. Não procuramos outra coisa, exatamente por isso o discurso destes dias, o trabalho destes dias marcam algo em que cada um de nós se arrisca, arrisca a si mesmo. Por isso, tentamos ser claros na compreensão, antes de vir aqui. Nós estamos prontos para falar com o mundo todo, para ir a qualquer lugar do mundo, mas precisamos de uma casa, precisamos de um lugar onde a palavra seja palavra, expressão. Onde a relação, o racionamento seja coração cordial, onde a companhia seja positiva, onde a palavra tenha um significado e o nosso entendimento, um significado, e o pão seja pão e a água seja água". Tivemos estes dias de férias um pouco para verificar a pertinência deste parágrafo. Ou seja, da autenticidade da fé e, ao mesmo tempo, do papel de uma amizade para a descoberta dessa autenticidade da fé. Um amiga vai nos contar o que ela entendeu disso.

Colocação: *Eu vivi, nós vivemos essas semanas que precederam essas férias, acho que todo mundo pode dizer que viveu semanas difíceis, de confusão. Eu me vi mais defendendo uma determinada ideia e não pessoas. Muita confusão mesmo, porque é um momento de paixão mesmo, não tem muito o que fugir disso, porque a gente é assim. E aí, quando Otoney começou a falar desse texto, e esse finalzinho, principalmente, que ficou na minha cabeça esses dias todos: "um lugar onde o pão seja pão e a água seja água". E ficou claro nesses dias que esse lugar é o lugar certo para o meu coração, vamos dizer assim. É o lugar onde o meu coração encontra abrigo, é o lugar onde meu coração encontra todas as certezas, é o lugar onde tudo fica no lugar, tudo que tendencialmente é mais fragmentado, que a gente fica ali lutando entre um lado e o outro, este é o lugar onde eu encontro a paz, onde eu consigo ligar todos os meus pedaços dentro de mim, é este lugar aqui. E não tem previsto, porque mesmo que tenham acontecido imprevistos, e que não existe diferença entre nós que vença, que destrua essa certeza. Era isso que eu queria dizer. Pode ser que a confusão continue, pode ser que a gente tenha que debater sobre algum assunto, pode ser que eu tenha que lidar com pessoas no trabalho que pensem muito diferente de mim sobre a vida, sobre como me pôr no trabalho, porém essa certeza ninguém vai destruir, porque ela me foi dada. E eu pude reforçar aqui esses dias.*
E sobre o texto, um pouco além daquilo que Otoney leu, eu tenho também no meu coração guardadas as palavras de Cleusa, quando o Marcelo Cesena, o pianista, esteve aqui. Ele falou que ela contou para ele que ao entrar no Movimento não tinha uma porta de saída, que ele já tinha entrado e não tinha mais como sair. Mas não foi nem isso. O que me impressionou na fala dela foi que ela respondeu a uma angústia minha, porque quando ela falou para ele: "Olha, todos os gestos nossos, tudo o que a gente faz – inclusive as férias, como a gente fez nesses dias – é uma tentativa de responder ao amor de Cristo". Ou seja, o amor de Cristo já veio, Ele já bateu à nossa porta, Ele já nos tomou, ele já nos impactou, Ele já me tomou completamente. Estar aqui é somente uma tentativa de responder a este amor. Isso me marcou muito e me ajudou a entender, casou muito bem quando Dom Giussani lá na frente nesse texto, faz a diferença entre cristianismo e cristandade. Porque a gente fica assim, tentando construir uma cultura nova, uma mentalidade nova, uma coisa

nova. Porém, sem o encontro com Cristo, isso vai tudo por água abaixo. Eu entendi muito, nesse texto, e claro que esses dias ajudaram também a gente a entender isso. Sem um impacto da presença de Cristo, sem os olhares, sem os imprevistos, sem as brincadeiras, sem isso, tudo que eu produzo, tudo que eu sou capaz, que eu acho até que seja capaz de construir no mundo, com as pessoas, educando meus filhos, com os amigos, no meu trabalho, não é nada se não tiver um impacto dessa presença de Cristo. Eu acho que se vocês puderem nos ajudar nisso também, eu agradeceria, porque você vive com essa tentativa de batalhar pelo mundo, de fazer as coisas, de trabalhar, de construir, mas no fundo, no fundo, é esse encontro com Cristo que me salva. É esse encontro, é essa possibilidade de que também meus filhos encontrem Cristo que pode salvá-los, essa possibilidade que meus amigos encontrem Cristo que pode salvá-los.

Bracco: Tem uma frase que está no final do texto que fala assim: "Quando nesta noite, antes de vir aqui, eu me dizia: mas agora, eu tenho de ir lá e dizer essas coisas. O que me confortou na decisão de aceitar esta ingrata tarefa foi exclusivamente esse pensamento, humanamente falando. Que estas palavras, que esta palavra ou que palavras como esta devem ser lançadas lá, mesmo se parecem ricochetear como sobre uma pedra, ou parecem escorregar como sobre mármore, mas devem ser lançadas. Porque – é este trecho aqui – porque só a tenacidade de um caminho é que as abre, que as escancara, que nos faz ser invadidos pela força delas, pelo seu valor. Que nos faz ser totalmente tomados por elas. Mas essa tenacidade não pode acontecer em nós, não pode existir em nós, a não ser na condição da convivência. É uma convivência que dá essa tenacidade. Só uma convivência". Por isso as férias destes dias não são parênteses; é como se todos estes dias fossem a ocasião para a gente entender isso. Porque imagina, tudo aquilo que fizemos nestes dias, não só as palavras, era como sementes, como sementinhas na terra da nossa vida, do nosso dia a dia, das coisas que a gente precisava fazer. Mas nessa convivência, em alguns de nós – em muitos de nós, espero – a semente começa a brotar um pouquinho. Não é que está tudo claro, mas é só dentro de uma convivência. A tenacidade de um caminho. Por que a tenacidade? Porque precisava acordar, precisava seguir um horário, precisou se organizar… Não foi uma coisa assim, tudo espontâneo, tudo simples. Isso aqui é como um paradigma e uma proposta. Se queremos que essas palavras comecem a brotar mais, não fiquem só um rebento; se fica um rebento, amanhã vamos deixar isso, vai morrer depois de três dias. Como é que se cuida disso? É a tenacidade de um caminho que faz começar a brotar, a crescer. Se eu vou à Escola de Comunidade uma vez, três não vou, depois volto, não faz a planta crescer. Precisa cuidar disso, e temos que entender o porquê. Porque aquilo que nasceu como um rebento, com uma semente, precisa desse caminho. É como se fala: os tempos não permitem mais que tudo isso possa crescer, se desenvolver porque você está na esteira da vida da Igreja, da vida do Movimento. Os tempos são duros. Você está contra um rio, cada vez mais forte, sem se dar conta, desde que acorda de manhã, até a noite. E nós não estamos juntos para ficar mais quentinhos. Estamos juntos porque, nessa convivência, nesse caminho, essas palavras crescem *em mim*. Não naquele que eu sigo lá, não no Carrón, não no Papa. Graças a Deus que crescem neles porque podem me falar coisas, mas é em mim que tem que crescer isso, como certeza, como esperança. Se não cresce como certeza, não cresce como esperança. A certeza é como uma raiz que cada vez mais se aprofunda. E quanto mais vai embaixo, mais vai no futuro. Não deixa pontos de interrogação, vai no futuro, escancara o futuro, mesmo não sabendo como será. Essa é a esperança. Não sabemos como será o futuro, mas cresce em mim uma certeza do futuro. Isso aqui é impossível sem uma presença como essa que estamos falando. Onde você conhece mais quem é Cristo? É que por um mistério lhe dá certeza que vai lá no fundo de você e, quanto mais vai a fundo, mais lhe dá horizonte, mais lhe dá o futuro. Não lhe explica o futuro, mas lhe dá a certeza do futuro. Quando você está apaixonado, decide se casar, você já sabe todo o futuro como será? Você não sabe nada. Mas aquele amor, quanto mais está certo, mais lhe dá certeza do futuro, pode enfrentar o futuro, pode caminhar. Com Cristo é mil vezes mais!

Por isso temos que descobrir o temperamento, o caráter de Cristo em nós. Como? Falamos nestes

dias: pela liberdade que te solta as correntes, pela esperança. E quando acontece essa esperança, nasce uma forma de encontrar os outros, um diálogo novo. Como é que Jesus fez política? Ele organizou um partido? Ele começou a partir da certeza que ele vivia, porque ele vivia em um vínculo. Ele começou a entrar em relacionamento. Como é que começou a mudar o Império Romano, que tinha algumas regras, tinha algumas formas de viver, por exemplo: Zaqueu era um judeu que começou a tirar dinheiro dos seus. Como é que mudou politicamente uma parte dessa estrutura, como é que começou a mudar? Qual foi a batalha que Jesus fez? Ele passou pela rua, viu lá um cara que estava em cima de uma árvore, e falou: "quero ir à tua casa". Jesus sabia tudo, sabia todo o mal que Zaqueu estava fazendo, que era ladrão e corrupto, sabia todas as correções que podia dar para Zaqueu. E o que Ele quis fazer como primeira coisa? Aproximou-se dele, abriu um espaço novo, e assim Zaqueu deixou um espaço para Ele entrar na sua casa – e foi através disso que Zaqueu começou a mudar. Não foi sabendo logo todas as verdades dentro de uma dialética ou de uma batalha. Jesus em alguns momentos falava na frente de todo mundo, mas em muitos momentos Ele encontrava. Essa inteligência dos relacionamentos, essa era uma forma de fazer política que podemos aprender; é uma forma de entrar em relacionamento, uma forma de diálogo. O diálogo vem de um acontecimento, não vem de uma estratégia. Vem de um cara que está vivendo tanto uma certeza, que criam-se espaços novos. Ele não sabia antes – imprevistos e imprevisíveis. Por causa de um acontecimento se gera um espaço novo. O Papa, quando você vê, ele fala coisas contra o aborto, duras. Mas ao mesmo tempo tem uma forma de entrar em relacionamento que cria um espaço que o outro quer convidá-lo. Essa aqui é uma coisa genial. Só que todas essas coisas, dentro dessa confusão, como é que começam? Como é que na confusão daqueles dias, essas coisas começaram a mudar o mundo? A partir de um, que começou a fascinar o outro, fascinar o outro, começou um contágio que se tornou uma nova forma de uma sociedade, que nós temos que redescobrir. Porque se isso se torna óbvio, não se cria esse espaço novo; se cria um projeto pastoral, um plano, que não tem a força de criar essa força de atração. Estamos num momento espetacular por isso. Podemos descobrir. Não sei se deu para entender. Vê como ficam as coisas juntas? Não tem a política, Cristo, a companhia, o movimento. É uma coisa só.

Colocação: *Esse texto da Jornada, e também a forma como foi proposta, que a gente escutou Giussani, me fez ser colocada na origem do encontro, também pela própria forma como Giussani fala. E o ponto que me chama mais a atenção é aquele quando fala da diferença entre um público adulto e um público adolescente. Ele fala que essa novidade em nós, que é um pouquinho aquilo que você estava falando, que um drama da vida, do adulto, é tudo de dentro dele. Conto uma coisa que aconteceu esta semana nessa onda, porque aquela coisa que Carrón sempre fala, que parece que o testemunho não é suficiente para responder aos dramas. E realmente os dramas, os problemas são tão grandes, e aquilo que você vive parece uma coisa pequena. Conto um episódio pequeno, mas que me chamou a atenção nesse sentido: eu fui ao oftalmologista e a gente estava na consulta normal, foi depois das eleições. Não sei qual foi o motivo que me deu liberdade, eu não conheço essa pessoa, é só um médico, mas eu disse que trabalho numa ONG, e aí ele me olhou, bem sério, formal, e disse: "Então a gente agora tem na frente 4 anos de retrocesso". E estava visivelmente abismado com o resultado da eleição. Aí a gente começou a conversar, e ele entrou na questão da Igreja Católica, sobre essa questão de que os evangélicos separam o bem e o mal, etc.. Aí eu disse: "Mas a Igreja não é bem assim. O cristianismo é misericórdia". Eu vi nascer em mim essa frase, e ele ficou surpreso que eu falasse isso. Aí ele ficou sem jeito. E aí ele me disse: "É, é isso que deveria ser". Eu disse: "Sim, mas isso, quem sabe que isso já é possível?". Eu falei: "Por exemplo, o Papa Francisco", e aí pronto, depois eu acho que ele se deu conta dessa esquisita familiaridade, que ele estava criando, aí parou e voltou a consulta, etc. Mas me surpreendeu como uma faísca que entra dentro de uma aparente normalidade.*
Voltando ao texto, o ponto que me surpreende sempre, da nossa experiência, é quando acontece essa entrada de algo, como fala o texto, que não deveria estar, mas está; algo que é tão desejado,

tão esperado, mas é tão possível de se encontrar. Que, quando você se depara, você fica surpreso, fica com aquela surpresa. Então para mim a surpresa, o interesse é esse: quando reconheço, quando acontece essa irrupção de algo que não deveria estar mas está. Aí é algo que quebra aquele equilíbrio, como você fala muito bem, falando de Zaqueu.

Colocação *Eu estou carregando duas perguntas. Lendo esse texto, também elas se abriram ainda mais. Nesse período das eleições, o que eu percebi muito nos jovens, seja os que eu acompanho no Movimento, mas outros também, e também em alguns amigos próximos, é que eu percebi que eles têm uma atração muito grande por essa questão da ideologia, da militância, e tudo isso acompanhado de uma grande sede de justiça. E a pergunta que nasceu em mim foi: como a Escola de Comunidade do CLU, por exemplo, pode ser esse cristianismo que faz da tradição uma realidade viva? E no dia das eleições eu recebi fotos também de alguns amigos e observei na rua, tinha muita gente com a camisa do candidato, com botton do candidato; e a outra pergunta que nasceu em mim foi: como é que a gente pode carregar a Igreja no peito como algumas pessoas carregavam esse botton e como é que a gente pode carregar a experiência cristã de uma forma autêntica? Porque também para mim a experiência das eleições não foi uma experiência tranquila, no sentido de que eu cheguei a um nome e estou tranquila. Até o último instante não foi isso. E eu decidi no dia, no domingo, olhando a experiência, provocada por três pessoas pela forma como três pessoas estavam vivendo a experiência das eleições, olhando para elas eu decidi em quem eu ia votar. Mas ainda assim, cheia de provocações. Estou curiosa para ver o que o Senhor vai fazer acontecer.*

Bracco: O imprevisto é isso, algo que não deveria acontecer e acontece. Como carregar, como se carrega o Movimento?

Colocação: *A experiência que eu faço é assim, eu carrego o Movimento sendo quem eu sou.*

Bracco: Então, como carregar a Igreja no peito?

Colocação: *Mudada, dando testemunho da minha experiência. Da minha experiência mudada. Porque eu não sou a mesma pessoa de 16 anos atrás.*

Bracco: Isso aqui parece dentro da onda eleitoral. Parece nada. Como é que aqueles doze carregavam a Igreja no peito? Doze pessoas num quarto, cheias de medo. De repente, não é que o medo foi embora, mas não dominava mais. Por que o medo? Eu acredito que não é que o medo foi embora de repente – "chegou o Espírito Santo e então se tornaram os guerreiros e começou a Igreja". Eram homens, devem ter continuado com medo, mas o medo não dominava mais. Porque algo que estava fora, que era a presença de Jesus, começou a estar dentro deles. Uma esperança neles. Tanto que Jesus pôde "ir embora" – entre aspas. Por quê? Porque aquela presença estava presente, continua presente e ao mesmo tempo está dentro como a fonte da esperança, muito mais que um *botton* no peito. Muito mais! É dentro do coração, no íntimo. Temos que descobrir isso. Qual é o nosso *botton*, onde está o nosso *botton*, aquilo que me mudou a vida? Está meio escondido aqui embaixo, ou tiro quando estou lá, ou está dentro de mim. Porque quando está dentro de mim, está na sua cara. Tanto que talvez alguém está aqui por causa da sua cara, da sua forma diferente de viver as coisas de sempre. Essa é a única coisa que podemos transmitir para os meninos, para os jovens. É a única coisa que pode ir lá dentro da sede de justiça. E descobrir de novo onde nós encontramos, quem responde essa sede de justiça. Porque também para nós poderia ser que a Igreja não está respondendo mais! Pode ser algo que já sabemos; mas no fundo, no fundo, não me satisfaz, não me dá paz. Cada um de nós tem que verificar isso. Porque senão, aquilo que encontramos não responde, e a gente também precisa do presidente para ficar mais tranquilo. Ou se tivesse outro, como eu estaria? Eu seria essa presença mesmo assim? Nós agora podemos contribuir para quem está lá, qualquer um que seja, podemos contribuir em força, diálogo, que está em nós, que é a nossa identidade. Senão a gente tem agora uma identidade que depende do novo presidente. Eu também não fiquei comemorando porque vi tantas feridas, que se tornaram minhas também. Porque eu agora quero mostrar para esses meninos onde encontro essa sede de justiça, entende? Então é um drama,

mas é com esperança. Porque isso pode ajudar a nos tornar mais certos – ou não! Precisa ver o que cada um vai verificar agora. Como vão fazer a Coleta no dia 10 de novembro. Pode ser a mesma Coleta do ano passado? Depende de cada um de nós. Podemos fazer a Coleta, podemos fazer obras, e também o trabalho de cada um de vocês pode ser essa presença que responde a uma sede de justiça. Ou podemos estar lá com a nossa identidade amassada como um papel, mesmo estando dentro do Movimento e dentro da Igreja. Ao invés, precisa que aconteça algo que o torne mais consciente, que lhe dê identidade. E nisso podemos ajudar a responder ao desejo de justiça, desejo de unidade, a solidariedade. Que talvez os mais jovens sentem mais, mas que todo mundo sente. Porque todo mundo, no fundo, no fundo, não é que está bem após as eleições: pode estar contente, mas não está bem, teve brigas na família, com amigos, estão feridas. Como nós podemos contribuir? Primeiro somos nós que temos que ter essa paz de ter sido curados.

Colocação: *Eu queria contar uma coisa. Quando você falou no início que o que nós procuramos é a fé, eu me perguntei: estou procurando isso mesmo ou estou distraída? E aí eu comecei a pedir: "Senhor, me ajude, porque não consigo nem ter consciência de que estamos aqui para isso". Comecei a pedir e depois, quando a gente foi para aquele passeio, andamos e começou a subir, subir, subir, e chegou um momento que eu falei: "puxa, agora não aguento mais!". Aí, olhando para os amigos, fui subindo, fui subindo,... Aí chegou um momento em que eu falei: "Bom, aqui ou Você me ajuda a chegar lá ou eu posso cair e morrer, porque não tem mais como. Mas se Você é Você, e Você existe, qual é o meu problema? Se morro aqui ou se consigo? E quando chegou lá em cima mesmo, que passou, bateu um ar que parecia um ar condicionado! Falei: "Puxa, Você existe mesmo! Porque quando chega no limite, você diz: 'Eu estou aqui, eu existo'". E aí olhei para aquela maravilha lá embaixo, e o guia disse que ainda faltavam 6 quilômetros. E eu comecei a pensar em um monte de coisas, no trabalho, no tempo da aposentadoria que vai chegar. Mas eu experimentei essa certeza: "É verdade, Você existe'. E pensei: "Caramba! Com essa certeza eu posso ir para qualquer lugar e com essa companhia aqui eu posso ir para qualquer lugar". E foi muito interessante porque não acompanhou só essa maravilha: vinha toda a parafernália, todas as tempestades, todas aquelas pedras que você pisa, você gostaria de jogar do outro lado mas elas estão ali, você tem que pisar para poder subir na outra. Aí fui e os últimos 6 quilômetros foram assim, de mais certeza, sabe. E assim como para chegar ali teve aquela subida toda, a vida também é assim. "Mas com Você é possível". Então eu fiquei muito contente porque aquela coisa que você falou no início eu vivi. E não foi fácil, porque depois na volta estou com as pernas quebradas aqui, mas valeu a pena por aquilo que eu vi e que eu experimentei.*

Bracco: Isso aqui é um exemplo de quê?

Colocação: *Da certeza da fé, da experiência.*

Bracco: E também da tenacidade de um caminho. Agora você nos deu um testemunho perfeito, com algo concreto que podemos entender mais o que significa "tenacidade de um caminho". Olha quantas coisas você pensou e descobriu, porque só a tenacidade de um caminho é que as abre a fé, abre aquela palavra que você ouviu de manhã, no dia anterior. É só a tenacidade de um caminho que a abre, que a escancara, que nos faz ser invadidos pela força dela, pelo seu valor, que nos faz ser totalmente tomados por ela. Mas essa tenacidade não pode acontecer em nós a não ser na condição de uma convivência. Porque se você tivesse ido sozinha, não sei se você teria chegado até o fim. É uma convivência que dá essa tenacidade, só uma convivência. Mas não foi a companhia que permitiu você fazer essa experiência. Essa certeza foi dentro de você. Uma esperança *em* você. Dá para entender aqui a diferença? Entre a companhia e essa esperança em você. Obrigado, porque esse exemplo ajudou a entender mais.

Colocação: *Para mim também foi um esforço enorme a caminhada, tanto que cada pessoa que passava na minha frente eu dizia: "Pode passar porque eu vou no meu ritmo". E meditei com a vida da gente, mesmo. Quando eu cheguei cansado no hotel, eu meio que praguejei: "Como é que*

botam a gente pra fazer um negócio desse?". Mas foi o Elder que deu um juízo muito bonito: "Ainda bem que vocês vivem as suas férias desse jeito, porque a vida é isso". E teve um momento, em que muita gente cansada ficou numa pedra e outro grupo foi, e eu tentei acompanhar aquele grupo da frente, porque falei: "Olha, já andei tudo, já parei onde parei e aí agora eu vou andar até o ônibus". Só que no meu ritmo o pessoal foi lá para a frente e chegou um ponto em que eu vi aqueles caminhos diferentes e falei: "E agora, onde tá o ônibus? Será que espero passar o que vem?" Comecei a rezar e também ver onde estava o pessoal, sem saber se o pessoal de trás já estava em outro caminho, quando eu me deparo com o Jefferson correndo, meio que um Forrest Gump. Daí ele quando me viu, parou e nós fomos conversando sobre a vida, aí teve um ponto em que eu fiquei com pena de Jefferson ter atrasado o caminho dele. Só faltava uma ladeira para a gente terminar e eu falei assim: "Amigo, pode ir, que eu sei que você está aqui meio que atrasado por minha causa". Ele falou assim: "Puxa, se na vida" – porque eu estive doente em 2015, e ele depois passou por tudo aquilo anos depois [transplante de rim], e ele me falou uma coisa muito bonita: "Se nós choramos juntos e sorrimos juntos, por que eu não posso ficar aqui nesse momento com você?". E vendo você falar sobre a certeza da esperança, a gente não sabe o que é o futuro, eu não sei o que é minha vida futura. Mas diante de uma companhia que tenta se adequar ao meu ritmo, eu penso assim: "Puxa, tudo é possível, todo desafio é possível. Uma muralha de 600 metros é possível, se eu tenho essa companhia, alguém que me faça companhia nessa vida". Para mim, isso aí foi tudo.

Colocação: *Em setembro, na assembleia com o Carrón, uma pessoa falou da importância das férias e me provocou muito. A gente não vinha aqui. Foi minha filha, que nem está mais na Igreja, que falou para nós que a gente não olha mais para nós como casal. E aí a partir dessa fala dela, porque eu também a tinha convidado e ela não quis vir, a gente decidiu. Por isso, pelo que minha filha falou, para a gente olhar para nós e depois algo que eu me senti convencida quando, na Jornada de Outubro, Giussani dizia que a gente tem que tirar a nossa carcaça do passado – porque nesses anos eu fui muito movida pelo passado; eu queria viver Cristo, mas sempre olhando para o passado – e então desde o ano passado, o Carrón faz um trabalho com a gente de tirar essa carcaça. E Giussani falou muito claro, nessa última vez, para a gente tirar isso, que é só assim que a gente começa a sentir de novo. A gente veio porque Giussani fala que a gente precisa de um lugar, porque eu achava que dava para viver o Cristo sem precisar da companhia. Depois eu me deixei vencer por essa questão, quando ele falava do lugar e que a gente precisa de uma convivência. Então se eu não estou aqui, se eu não convivo com as pessoas, como é que eu alimento a minha fé? Aí eu entendi por que são importantes as férias; entendi que aqui, não é que precisava acontecer uma grande coisa, mas Cristo já está presente aqui. Então eu vim e me parece que Carrón falou isso: a gente precisava aproveitar tudo, todas as circunstâncias para se alimentar. Então veio o encontro de setembro, veio a Jornada de Outubro, as assembleias de Escola de Comunidade. Nós que somos um grupo pequeno na minha cidade, para nós demanda um esforço enorme para dar conta de tudo isso. Mas toda vez eu fui entendendo que Carrón falava que a gente precisa desses momentos para se alimentar. Então eu não estou aqui por tentativa, estou aqui porque Ele já está, mesmo com todos os nossos pecados. Obrigada.*

Bracco: Obrigado. Às vezes nós temos uma companhia perto e não damos valor. E quando não temos isso, depois é incrível como se pode perceber qual é o valor, como podemos redescobrir esse valor. E ao mesmo tempo temos uma graça da tecnologia, que agora aquilo que Carrón fala, quase no dia seguinte chega para cada um de nós. Então podemos fazer esse caminho também estando sozinhos e muitas vezes estando com muitas pessoas não fazemos. Como é fundamental entender isso. Carrón uma vez falou uma coisa que me marcou muito: Jesus, quando estava com os apóstolos, eles O viam fazer os milagres, mas aquilo que mais marcava era esse olhar de Jesus, quando encontrava as pessoas. Era muito mais que um milagre, esse olhar. E quando se encontravam à noite, imagina, na casa de Maria: ela fazia as comidas gostosas, ficavam lá, falavam com Jesus, com a

confidência, mais próximos, mais íntimos… Aí acordava Jesus e falava: “Agora vamos lá em Cafarnaum”. Imagina, alguém dizia: “Mas a gente queria ficar aqui! Aqui se come bem, estamos juntos… Por que ele quer ir pra lá?” Seguir Jesus era isso que acontece entre nós. Com Jesus não era fácil, não era óbvio. Mas o que perdiam os apóstolos, não seguindo Jesus? Imaginem. É a mesma coisa para nós, quando não seguimos o Movimento. É como quando os apóstolos seguiam Jesus. A Coleta, cada Escola de Comunidade, a Caritativa… Não é igual a nada se a gente não faz. Essa tenacidade de um caminho que fica um caminhozinho. E se vê por aquilo que aconteceu com os apóstolos. Porque os apóstolos não eram os melhores da vida. Imagina, com tudo aquilo que eles viviam, olhando com Jesus depois de dois anos ou três, um cara vai lá e fala: “Olha, posso ficar na tua direita? Mas não fala pra ninguém”. Imagina! Eram miseráveis, como nós. Mas qual a diferença? É que não é um esforço nosso, não é uma estratégia do nosso Movimento, não é uma associação: é essa Presença que, se a gente segue, nos torna mais homens. É Presença para todo mundo. Mas como tem que crescer essa nossa identidade.

Colocação *Com certeza quando tivemos essa surpresa deste áudio de Giussani, para mim foi muito forte porque na verdade eu realmente não estava entendendo o sentido da frase do título da Jornada: “Vivo é algo presente!”. Quando fizemos o encontro, e ouvimos Giussani, a frase ficou claríssima, realmente me surpreendeu muito algumas coisas. A primeira porque faz 50 anos que Dom Giussani colocou essas coisas. Meio século. Portanto, 50 anos atrás o Movimento já estava assim. Dom Giussani percebeu qual era o ponto central. Depois, me impressionou muito porque eu liguei muito este áudio com o que falamos sobre a personalização da fé. E me impressionou muito a coragem, como fala Dom Giussani, quem saiu escolheu o mundo e não escolheu continuar no acontecimento de Cristo. Portanto, tive uma sensação não assim de “ah, como é que foi embora?”, mas de entender que são pessoas que realmente tiveram a coragem de perceber que provavelmente o acontecimento não estava acontecendo e buscaram algo e com certeza muitos voltaram atrás. Mas o que me provocou muito é que essa tentação do mundo aconteceu com os filhos de Dom Giussani. Portanto, é a pergunta, acho que é a experiência que o Carrón está nos ajudando com essa insistência de trazer sempre esta questão: por que nós estamos aqui? Também estes dias tão bonitos, juntos, me provocaram muito a ler este texto. Mas por que estamos aqui? Não me interessa estar aqui somente porque é bonito, não estaria aqui somente porque somos amigos. Porque a tentação existe. Nós nos conhecemos há muitos anos, fazemos coisas juntos. Mas no fundo é como se este texto recoloca de uma forma muito forte: por que uma pessoa tem que pertencer ao Movimento? Vive pessoalmente algo que realmente justifica estar neste mundo, a partir desta experiência? Que é uma escolha pessoal, não tem mais condição, acho que não tem mais condição: ou vive isso de forma pessoal e dentro da companhia como ajuda; mas como se às vezes eu não sei, percebo que perpetuamos uma presença sem que esta pergunta seja assim forte. E acho que este texto abre uma grande pergunta em cada um de nós: realmente, hoje, no mundo, estar no Movimento é um diferencial para minha vida? Enfrentando a política, enfrentando o trabalho, enfrentando todos os problemas da vida, ou não? Quando que eu percebo que, com certeza, o Movimento educa também momentos específicos como as férias, como tantos gestos, onde para mim são sempre os acontecimentos onde tudo se esclarece, onde é mais evidente que isso é realmente aquilo que determina a vida, aquilo que dá força para a vida, aquilo que me dá força para continuar a viver de uma determinada forma. E nesse sentido eu acho que o Movimento é uma graça, porque fazer as férias desta forma, não banalizando porque estamos aqui, me gera uma força. Como você colocou, precisa de uma tenacidade. Segunda-feira, quando voltarmos ao cotidiano, é lá realmente que vamos verificar se isto é verdadeiro, se realmente mudou algo em nós, se temos força de enfrentar esta realidade. Portanto, acho que esses momentos, esta fidelidade, como você falou, esta capacidade quase de continuar, perpetuar no Movimento, é para reacontecer algo que, voltando segunda-feira no trabalho, se verifique que é possível viver de uma forma diferente.*

Colocação: *Estou no Movimento há 20 anos e é a primeira vez que eu venho às férias. "Não vou, não vai dar certo, vai ser período de eleição, a gente fica recuado, não pode viajar, não pode fazer nada. Vou não, vou não". E aí depois eu comecei a sentir essa necessidade. Então eu sabia exatamente o que eu queria, quando eu vim. Sabia exatamente do que eu estava precisando. Eu venho de uma avalanche de trabalho muito intensa, muito forte, e é aquela coisa, a vida vai levando a gente. Eu passo o dia no trabalho e quando chego em casa os meus filhos estão ali carentes e eu não consigo ler um livro, ainda fico tentando trabalhar e tem que estudar junto com os filhos, enfim… Realmente é uma vida muito intensa e a gente às vezes não tem tempo para nada, não tem tempo para parar, não tem tempo para refletir um pouco. Então eu sabia exatamente o que eu queria quando eu vim. Meu filho se abraçou comigo chorando porque eu nunca viajei assim para "passear", entre aspas, sem eles. Ele falou: "Mãe, não quero que você vá, não vá!", soluçando. Mas eu tinha certeza de que aquilo era por eles, para voltar melhor. Quando o Bracco falava da questão das correntes, na hora eu não entendi muito bem, mas logo depois eu percebi exatamente o que ele estava dizendo, e a questão de se libertar dessas correntes. E eu digo a vocês que eu estou voltando tão mais leve, porque a gente começa a ver a vida de uma forma diferente, conviver, ter esses momentos aqui com pessoas diferentes. A vida de ninguém é perfeita, todo mundo tem os seus problemas, mas a forma de lidar com isso, a forma da gente interagir entre si, é uma coisa que liberta a gente. Me libertou, pelo menos, eu me senti mais leve, me senti confrontada com as minhas atitudes, com os meus pensamentos, diante de algumas posturas que eu presenciei aqui nesses poucos dias. E, para mim, foi um momento muito bom, foi um momento de revitalização. Muito importante, muito necessário para mim. Eu adorei aquele passeio. E a gente vê assim algumas demonstrações de carinho profundo. Às vezes as coisas ficam muito amarradas na gente e ficam muito difíceis, muito pesadas, e a gente às vezes perde a clareza para raciocinar. E esse texto é muito importante, é muito forte, quando ele fala que: tudo bem, você pode ir lá, fazer uma caridade e não sei quê, vai pra missa e reza e tal, mas é outra coisa, aquilo que estava dizendo, é aquilo que está ali, que está dentro da gente e é uma coisa mais forte.*

Otoney: Bom, então a gente termina a assembleia aqui. Daquilo que Bracco falou, acho que o ponto central é o caminho. Carrón chamou muito a atenção para a Escola de Comunidade. Este é o ponto, me parece, decisivo. Nós podemos fazer uma redução também da Escola de Comunidade a um racionalismo ou a um naturalismo, à minha sacada ou à minha genialidade. Não: a Escola de Comunidade se vive dentro do âmbito de um acontecimento. É necessário pertencer. Não é necessário nem tanto uma compreensão total do texto, mas seguir, olhar alguém. Olhar alguém não significa gostar, não gostar, amar: significa perceber que, na relação com aquela pessoa, eu sou desafiado. Então é muito importante, para mim, este juízo: Escola de Comunidade é pertencer, é uma forma de pertencer. Antes de qualquer coisa, é isso que permite a compreensão. Não há outra possibilidade.

Bracco: Essa coisa que ele falou acho que é fundamental. É um pouco dramático esse juízo que Giussani fala aqui, que Carrón quer repropor para nós agora. Se não tiver esse caminho, não podemos pensar que vamos continuar dentro da Igreja, ele fala. Nem no movimento. Também para mim, porque eu não seria da Igreja sem ter encontrado o Movimento. Mas através do Movimento redescobri tudo, descobri tudo. Tinha visto Catecismo, mas as palavras que se abrem… A Escola de Comunidade é a experiência mais importante para fazer a experiência física, de ver uma palavra que se abre. Se abre como uma flor que se abre, você sente o cheiro. Começam a se tornar vivas em você. Sem Escola de Comunidade, não dá. Não dá para continuar esse caminho. Então cada um se vire, mas tente fazer a Escola de Comunidade. Também a Fraternidade, sozinha, não basta. Não vai bastar. Esse momento que estamos vivendo não vai bastar para continuar no Movimento e na Igreja. É uma profecia meio assustadora, mas a gente pode perceber isso. Por quê? Porque as palavras que

te marcaram uma vez, aos poucos, se não tem um caminho, se fecham. Sem se dar conta, se fecham. Você não sente mais cheiro de nada. Como é que se tem vontade de ficar? Então por isso é fundamental, não é um aviso daqueles: ah, precisamos fazer. Não: é para não perder. Falei “se vira” porque se não pode um dia, tenta ver um outro. Não pode ir a nenhum encontro, tenta fazer por Skype. E, depois, estar ligado significa ter no canto dos olhos alguém com quem você se compara – pode ser Otoney, mas tendo seu grupo. E talvez pensar nos gestos juntos, por exemplo com o CLU, com todos, tem vários grupos. Pensar num gesto juntos pode ajudar depois no caminho de cada um. Talvez tenha um grupo que você está percebendo que é um pouco mais devagar, como no passeio: chame alguém que sabe como caminhar, que sabe que ele está indo um pouco mais, chama lá para dar uma ajuda. Ou todo mundo vai para lá, não sei. Nesse sentido, “se vire”. Mas não podemos mais continuar como antes. Por isso falei “começar”. Não pode ser mais a mesma comunidade, a mesma Fraternidade, depois desses dias. E depois se pede ajuda, conversamos, temos tudo agora para poder enfrentar essas coisas, para se ajudar.